

CRISE PARADIGMÁTICA NA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Mara Rúbia Bispo Orth¹

André Baggio²

Não existe na sedução um sujeito dono de uma estratégia, e esta, mesmo quando se desdobra na plena consciência dos meios, ainda está submetida a uma regra do jogo que a ultrapassa.

Jean Baudrillard

Com o tema *crise paradigmática na orientação educacional*, temos como objetivo compreender, interpretar e analisar características da orientação educacional relacionadas com seus modelos pedagógicos e indicar subsídios a partir da nova cosmovisão que nos acompanha na atual crise paradigmática. Pretendemos, inicialmente, descrever nossa percepção sobre a prática da orientação educacional e seu projeto de ação na escola propondo uma orientação educacional em novas dimensões, aberta às possibilidades educacionais, buscando dinamizar seu papel e sua ação na escola.

¹ Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da Faed/UPF.

² Doutor em Educação e professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

O PARADIGMA HERDADO NA ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL

Paradigma herdado significa influência teórica na história da orientação educacional. Não significa que esses indicativos tenham exclusividade nas práticas atuais, mas que, de algum modo, ainda estão presentes e, muitas vezes, de forma hegemônica.

Se pensarmos em termos do que se convencionou chamar de *pedagogia tradicional*, a orientação educacional torna-se praticamente desnecessária, pois os alunos, vistos como receptores de conteúdos, são também padronizados previamente por idade e capacidade (geneticamente), o que determinaria suas possibilidades de serem mais ou menos inteligentes. Nessa perspectiva, não se precisa de orientador educacional. Além dos professores, que comumente são conceituados de competentes se capazes de resolver todos os possíveis problemas de sala de aula, talvez se precise de auxiliar de disciplina para cuidar dos alunos no ambiente extraclasse ou acompanhar aqueles que, porventura, o professor encaminhe à direção. Nesse caso, a orientação educacional também seria um auxiliar de disciplina.

Até o rendimento escolar insatisfatório pode ser visto como uma questão de indisciplina para as exigências escolares. Assim, uma boa orientação educacional tradicional é aquela que ajuda os alunos a tirarem boas notas e a se comportarem conforme as normas e hierarquias. Quando um aluno se suicida ou atira contra seus colegas, como nos casos dos Estados Unidos, há sempre uma dificuldade de se en-

tender o fato se ele tinha boas notas: *ele sempre foi um bom aluno*. Boas notas, capacidade de raciocínio lógico e memorização tornaram-se sinônimos de inteligência. Ainda hoje, quando um professor³ fala de alguém como seu melhor aluno, certamente não está falando das suas capacidades interativas, cênicas, críticas, autocríticas e criativas.

Não tendo espaço na perspectiva tradicional, a orientação educacional só se institucionalizou na configuração como um dos eixos da escola contemporânea. Nesse sentido, "deve ser lembrado que a orientação educacional é um produto genuíno da pedagogia nova, por onde se formalizou sua conotação de mentora, na escola, do enfoque psicológico da educação" (Libâneo, 1984, p. 24). Assim, os conhecimentos construídos e absorvidos por ela tiveram como base paradigmática os princípios que fortemente influenciaram a escola brasileira em contraposição à pedagogia tradicional.

A inserção da orientação educacional no sistema educacional, pela certeza da importância de seu papel no interior da escola, fez com que ela se institucionalizasse e, com isso, restringisse sua função a realizar tarefas atribuídas pelos mecanismos legais. Atualmente, o orientador educacional, mesmo percebendo que não pode continuar seu trabalho numa estrutura fragmentada de ação, com divisões rígidas de papéis, tem permanecido *desorientado* em seu fazer pedagógico. Na verdade, ele não tem conseguido entender o que está ocorrendo a sua volta, nem consegue captar o sentido da crise que subjaz ao seu fazer (Schmitz, 1997, p. 15).

A partir dessa constatação, a orientação educacional vem procurando espaço

na escola, realizando várias práticas com o objetivo de justificar seu trabalho, com o que procura reencontrar-se e reafirmar-se. Mesmo assim, continua com dificuldades tanto em relação às novas questões e respostas educacionais, como em relação ao seu fazer, pois ela trabalha sob princípios escolanovistas e a escola está mesclada de princípios tradicionais, tecnicistas, escola crítica, construtivistas, etc. Assim, apesar de suas bases humanista-existencialistas o orientador educacional tem trabalhado por muito tempo com os parâmetros da racionalidade instrumental-tecnicista, com abordagens sistêmicas acerca da educação, num esforço de operacionalização de metas educacionais, de quantificação e de parcelamento de tarefas, sempre com ênfase nos resultados, objetivando maior produtividade (Schmitz, 1997, p.7); suas práticas vêm sendo desenvolvidas em atividades junto a alunos, a pais e professores, na sua maioria isoladamente, como veremos a seguir.

Em relação aos alunos, a atuação da orientação educacional baseia-se na realização de sessões coletivas, orientação profissional, tímidos projetos de preparação para o trabalho, atendimentos individuais a alunos encaminhados pelo conselho de classe e pelos professores isoladamente em situações terapêuticas. No caso dos alunos, o Serviço de Orientação Educacional - SOE - recebe-os com a caracterização de infrequentes, indisciplinados, evadidos, com problemas familiares, agressivos, baixo rendimento escolar e dificuldades de aprendizagem, afetivas, cognitivas ou psicomotoras. Segundo essa perspectiva, espera-se que o orientador educacional atue como *um especialista psicopedagógico*, cabendo-lhe

direcionar e controlar as interferências que outros agentes educacionais como família, professores e diretores desenvolvem no sentido da *modificação comportamental* (Maia, 1984, p. 29).

Na sua maioria, os orientadores partem do princípio de que é necessário ajustar esses alunos. Isso vem se dando com o fim de “produzir” trabalho educacional, de comprová-lo na esperança de o SOE ser reconhecido e valorizado pelas instituições escolar, familiar e outras da sociedade organizada.

Há um outro aspecto que merece destaque na prática dos orientadores nestas últimas décadas e que, em geral, deriva da mesma visão ingênua da realidade: o modo como foi pensada a proposta de formar um cidadão capaz de construir e participar de uma sociedade democrática. Tendo como pano de fundo o mesmo princípio, o individualismo, foi possível provocar mais um reducionismo. As relações democráticas se reduziram a uma questão de relações pessoais na escola (Maia, 1984, p. 33).

Não podemos nos esquecer de que a antropologia escolanovista, principiadora da prática da orientação educacional, tem como pressuposto um humano essencialmente bom, com potencialidades individuais que devem ser buscadas de forma independente e, de preferência, sem interferência do contexto sócio, político, econômico e cultural. No entanto, devido às interferências incontroláveis da dinamicidade na relação homem-homem, homem-natureza, homem-mundo, a orientação educacional vê-se sem referencial para entender essa complexidade.

Percebe-se melhor o conflito atual da orientação educacional quando se justapõe a busca das potencialidades individuais ao ajustamento às regras estabelecidas e à dificuldade de abrir-se às novas possibilidades. Ao mesmo tempo em que procura novas estratégias de planejamento, defronta-se com insuficiência e ecletismo de referenciais teóricos e com a diversidade de concepções pedagógicas coabitando, o que dificulta ou inviabiliza o avanço de práticas previstas e desejadas.

A explicação deste fato tem, entre outros, seu motivo na supervalorização da técnica sem a percepção de suas implicações ideológicas na sua utilização. A técnica, situada na ordem dos meios, confere poderes para agir, mas não fornece fins e objetivos para guiar o uso destes poderes. O significado depende sempre dos valores que a envolvem e dos fins para a qual se destina. O fazer pelo fazer, que é a exacerbação da função técnica do Orientador, não pode levar senão a atitudes de ingenuidade, de modismo, de dependência intelectual ou de reprodução social (Maupeou, 1984, p. 44).

Assim, fundamentada pelos conhecimentos construídos e incorporados no paradigma da simplicidade que a fez surgir, a OE enfrenta dificuldades para compreender e interpretar a realidade, que é sempre complexa, isto é, composta por rede de elementos diversos constituídos e constituidores de ligações, as quais são, ao mesmo tempo, aleatórias, complementares, concorrentes e antagonistas.

Em relação aos pais, o foco principal da orientação educacional centra-se naqueles responsáveis pelos alunos antes carac-

terizados. O contato com os pais dá-se em período bimestral ou semestral, através de reuniões ou encontros para entrega de boletins de avaliação, embora alguns orientadores educacionais procurem promover encontros individuais ou grupais esporádicos, articulados ou não às disponibilidades dos pais.

Importa aqui também registrar que a ação da orientação educacional junto aos pais ocorre principalmente numa relação vertical, na qual se colocam em lados opostos: num está o orientador educacional, que detém conhecimentos psicológicos, comportamentais e sociais, fornecendo informações e orientações de como fazer de seus filhos bons alunos; noutro, estão os pais, receptores, apáticos, por vezes rebelados e ansiosos por conhecerem fórmulas para educar e ajustar seus filhos aos padrões estabelecidos pela escola e pela sociedade. Diante disso, os propósitos da orientação educacional constituem-se na apresentação de referenciais de uma linguagem hermética e na busca da conquista carismática junto aos pais e à instituição escolar, procurando, com isso, justificar-se como indispensável na escola. No entanto, na realidade,

nada é gratuito, nada é meramente administrativo, nada tem razão em si mesmo. Cada questão, desde as aparentemente mais insignificantes, tem relação com a totalidade da escola e tem conseqüências sociais. Tudo o que acontece na escola, portanto, é político. Tudo o que acontece na escola tem a ver com uma certa forma de pensar educação, de pensar a sociedade, de pensar o homem, com uma determinada visão de homem e de mundo (Garcia, 1985, p. 9).

Quanto aos orientadores educacionais que realizam ou procuram desenvolver ações transformadoras da realidade escolar e social, deparam-se esses também com conhecimentos insuficientes para sua ação, por isso a sua situação não se diferencia muito dos demais. Ao ignorarem a totalidade de conhecimentos absorvidos pelo seu paradigma de origem, esses não conseguem abrir-se para novas situações e realidades; assim, perdem-se e sentem-se em conflito, tomando atitudes geralmente fragmentadas.

Em relação aos professores, a orientação educacional desenvolve atividades de ajustamento do currículo dominante às disciplinas e matérias escolares. Realiza assessoramento aos professores através de métodos, técnicas, estratégias, recursos e instrumentos de avaliação escolar, tudo sustentado pelo paradigma clássico. Nessa direção, seu trabalho junto aos professores faz-se de forma linear e tendo como característica o determinismo, que almeja o equilíbrio da prática docente, isto é, a eliminação dos conflitos, das desordens.

A literatura específica da orientação educacional, interpretando o decreto nº 72 846/73, que regulamenta a profissão do orientador educacional, considera-a enquanto “processo de consultoria, baseando-se fundamentalmente, nos seguintes aspectos: comunicação, relacionamento interpessoal, assistência, tendo em vista as atividades docentes” (Santos 1983).

Por não se constituir em atividade isolada e isenta, como às vezes quer parecer, entendemos que a crise paradigmática na orientação educacional vem acontecendo em razão de que “a história da orientação educacional é a história da educação

brasileira e esta é a história da sociedade” (Tavares, 1984, p. 39). Essas crises, entre elas a de referência teórica, são saudáveis.

Do exposto, fica claro para nós que coexistem duas posturas em orientação educacional. Um grupo nega as contradições da sociedade, da escola, de sua própria prática e tem uma ação conservadora. Outro, identifica as contradições da sociedade, da escola e de sua própria prática, as explicita, trabalha sobre elas, recuperando as possibilidades transformadoras da escola, e de si mesmo enquanto profissional (Maia, 1984, p. 56).

Com esse panorama da situação da orientação educacional, questionamo-nos sobre as alternativas existentes para que ela possa abrir-se ao novo panorama conceitual.

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL DIANTE DO NOVO PANORAMA CONCEITUAL

A antiga cosmovisão sustentadora das práticas educativas, artísticas e científicas entrou em crise. O paradigma da objetividade, das análises precisas e repetitivas, da busca de *um* fator para explicar um fenômeno, a relação direta causa-efeito, etc. não responde mais à complexidade de uma cosmovisão aberta, indeterminada, não linear, caracterizada, pelo pluriverso físico e conceitual. Essa crise paradigmática representa “uma revolução que afeta, um grande paradigma, modificando os núcleos organizadores da sociedade, da civilização, da cultura e da noosfera.”⁴ É uma transfor-

mação do modo do pensamento e do mundo pensado. Mudar de paradigma é, ao mesmo tempo mudar de crença, de ser e de universo" (Morin, s/d, p. 204).

O desafio à orientação educacional, para que se insira no novo panorama conceitual, traz a necessidade de reestruturar seu modo de pensar a educação, a sociedade, o mundo, o homem; ao mesmo tempo, precisa transformar suas crenças em relação à constituição da espécie. Assim, poderá contribuir para a transformação do eixo organizativo da sociedade nos seus aspectos culturais, econômicos, políticos e educacionais.

Pela complexidade e multiplicidade de suas práticas no desempenho da função, é necessário fazer emergir em seu trabalho os aspectos *desequilibradores e não lineares* das relações. Tais relações se dão no sentido de compreender e interpretar os pluriversos que compõem o indeterminável contexto maior. Para isso, a orientação educacional, ao refletir-se abertamente e em processo permanente, abre-se às interrogações educacionais e sociais, inteirando-se na auto-organização dos movimentos emergentes na incerteza do processo educacional.

A orientação educacional, ao superar a prática de respostas mais ou menos prefixadas, abre-se para um panorama universal da dissipatividade, pois a visão do processo oferecida pela nova cosmologia, a compreensão dos organismos como sistemas abertos e auto-organizadores que se transformam mediante processos de assimilação, acomodação e equilíbrio, trazem em seu bojo o movimento como uma das principais características dos sistemas vivos (Moraes, 1997, p. 149).

Além do mais, o conceito de equilíbrio na nova paradigmática não visa a práticas de controle ao estabelecido. Ele só ganha sentido organizativo junto à desequilíbrio, às negações e aos conflitos, num movimento único gerador de possibilidades. Não há negação de um organismo sobre o outro, pelo fato de que o processo constituído da espécie humana propicia a dinâmica do movimento, que inclui a aleatoriedade. Isso significa que a orientação educacional é parte da educação co-constituidora do homem e do mundo num processo inacabado e incerto; não temos à disposição um universo; não temos um centro privilegiado. O desafio está em trabalhar na complexidade de vários universos escolares, sociais, físicos, humanos e naturais, com seus múltiplos centros referenciais e mutantes.

Por conseguinte, sua ação passa a ser plural e acêntrica; sua prática passa pela realidade dos movimentos, dada na relação do *processo de disjunção/junção*. Logo, o espaço limitado provido aos pais pela entrega de boletins, por exemplo, abre-se às possibilidades de hipóteses que emergem com a participação de todos. Diante desse panorama, extingue-se o saber privilegiado do orientador educacional. O orientador educacional também terá de explicitar o lugar de onde está falando.

Nos novos paradigmas, a orientação educacional exime-se de classificar e selecionar alunos, professores, pais; sua ação, doravante, desloca-se à dinâmica dos movimentos de ordem-desordem-organização, partindo do princípio de que as relações humanas e universais são inconclusas.

Assim, a orientação faz-se com a educação na *apropriação, fusão e interpe-*

netração das diferentes culturas, propiciando uma educação de sujeitos, isto é, com possibilidades reais de participação e de reflexão sobre as implicações do contexto onde se participa. Nesse sentido, a *acomodação-desacomodação* da situação toma nova dimensão, já que se faz pela *apropriação e apreensão* na tensão dos movimentos das relações entre iguais. Numa relação organizativa, “os aspectos psicológico, sociocultural e biológico interagem no humano privilegiando as intercomunicações em detrimento das especializações, das autonomias e das degradações” (Baggio, 1995, p. 103). Em consequência, considera o homem na sua totalidade, não vendo somente ações fragmentadas de sua parte. A construção incompletável do homem se dará na integração/desintegração de todos os aspectos individuais, sociais, físicos, espaciais e temporais; logo, a ação da orientação educacional deve dar-se pela abertura das possibilidades, e nunca pela unilateralidade de um discurso.

Nessa perspectiva, diferencia-se da visão unidimensional do paradigma historicamente herdado pelo fato de que este, na sua positividade, seleciona, define e separa o certo do errado, o falso do verdadeiro, o marginalizado do não marginalizado, o capaz do não capaz, o que sabe do que não sabe e os que podem falar dos demais.

Na concepção dos novos indicativos antropológicos, a consideração assenta-se nas multiplicidades da dimensão humana, inclusive nas negadas pelo paradigma tradicional; todas elas estão incluídas no movimento da espécie. A escola deixa de ser o espaço da racionalidade, e a orientação educacional também deve abandoná-lo. Os sujeitos dessa complexidade são multiface-

tados na diversidade indissociável que constitui

o homem sapiens, ao homem demens, o homem produtor, o homem técnico, o homem construtor, o homem ansioso, o homem gozador, o homem extático, o homem cantante e dançante, o homem instável, o homem subjetivo, o homem imaginário, o homem mitológico, o homem crístico, o homem neurótico, o homem erótico, o homem híbrido, o homem destruidor, o homem consciente, o homem inconsciente, o homem mágico, o homem racional num rosto de faces múltiplas (Morin, 1975, p. 152).

O processo educacional da orientação deve fazer-se de tal maneira que “nada é criado ou pré-determinado, tudo está em negociação nos mais diferentes níveis” (Moraes, 1997, p. 151). Então, a construção da pedagogia na orientação educacional deve ter como princípio a abertura às perspectivas de vida social e educacional. A base de sustentação está na dialógica proclamada nas diferentes oportunidades da orientação educacional entre os demais agentes educativos. Isso significa uma orientação que ensina e aprende na relação dos movimentos emergentes da espécie, na qual ambos são sujeitos do processo e se incluem nos vários contextos.

Portanto, em novos paradigmas, torna-se possível uma tomada de reflexão sobre o papel da orientação educacional, surgindo novas dimensões no seu fazer na escola e na educação. Sua situação de determinismo, de classificação, de mitos ideológicos pedagógicos, expressos em hábitos e atitudes de controle pela educação, pas-

sa a ter enfoques multidimensionais. A visão fragmentada de educação e da pedagogia constituída em processo de início, meio e fim, através de ações definidas, prontas e acabadas, dará lugar às relações dos movimentos de junção/disjunção, de equilíbrio/desequilíbrio, de determinado/indeterminado, de certo/errado, de racional/não racional no processo de complexificação.

Esse é um processo não linear que busca a compreensão do ser humano como um fenômeno global, em constante mudança e desenvolvimento. A cada ação ou atuação segue também uma reflexão, e assim o processo se renova e é contínuo. O trabalho do Orientador Educacional, ou mesmo qualquer profissão das ciências humanas, não é um trabalho que se concretiza em si mesmo nas suas formulações e justificativas teóricas, mas é um trabalho que se concretiza sempre em outro ser humano. Portanto, é um trabalho extremamente dinâmico, inesgotável, rico e contínuo. (Spaccaquerche, 1979, p. 9).

NOTAS

³ Para muitos pais, também, ter um filho ou filha inteligente é sinônimo de que tenha notas altas na escola.

⁴ Mundo das idéias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGGIO, André. Pedagogia da hominização: indicativos antropológicos. *Espaço Pedagógico*. Passo Fundo. UPF, v. 2, n. 1, dez.1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Trad. Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1992.
- GARCIA, Regina L. O orientador educacional e o currículo. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v. 1, n. 14, 1985.
- LIBÂNEO, José Carlos. Orientação educacional e emancipação das camadas populares: a pedagogia crítico-social dos conteúdos culturais. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v. 1, n. 13, 1984.
- MAIA, Eny M.; GARCIA, Regina L. *Uma orientação educacional nova para uma nova escola*. São Paulo: Loyola, 1984.
- MAUPEOU, Yves, et. al. Técnicas e objetivos em orientação: a questão da neutralidade e objetividade. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v. 1, n. 13, 1984.
- MORAES, Maria Candida. *O paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus. 1997.
- MORIN, Edgar. *O método IV: as idéias: a sua natureza, vida, habitat e organização*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Lisboa: Europa-América. s/d.
- MORIN, Edgar. *O paradigma perdido*. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- SANTOS, Ieda M. Consultoria - uma função de orientação educacional. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v. 1 n. 12, 1983.
- SCHINITMAN, Dora Fried (Org). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SCHMITZ, Neusa B. *Orientação educacional: crise e perspectivas no confronto das racionalidades*. Ijuí: EdUnijuí, 1997.
- SPACCAQUERCHE, M. Elci. Metodologia científica e sua aplicação na orientação educacional. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v.1, n. 5, 1979.
- TAVARES, Otávio Augusto. Discurso comemorativo dos 15 anos da Fenoe. *Prospectiva*, Revista de Orientação Educacional. Porto Alegre, v.1, n. 13, 1984.